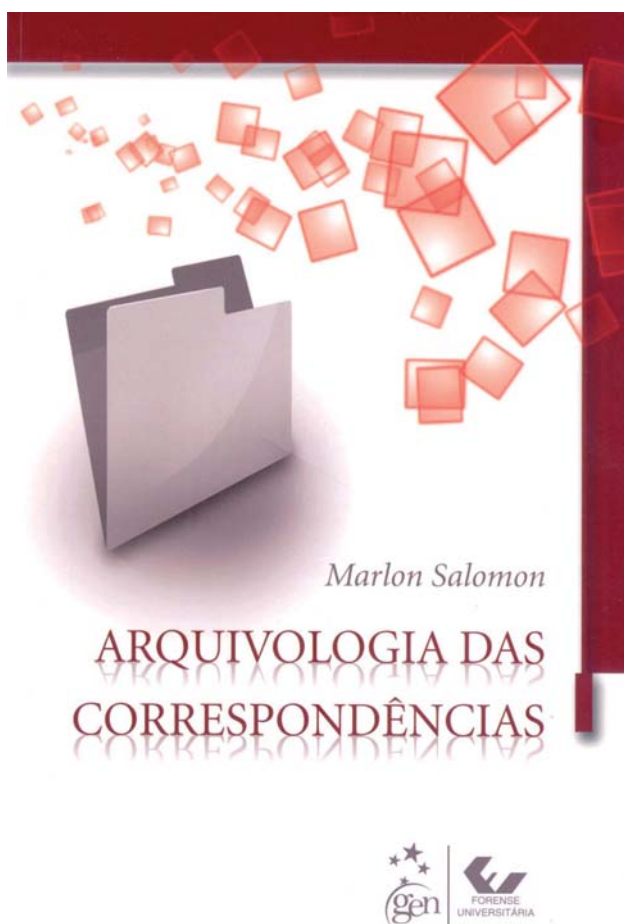


A História e o arquivo



José Ternes

Doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP). Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Católica de Goiás (UCG) e do Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal de Goiás (UFG). Autor de *Michel Foucault e a idade do homem*. 2. ed. Goiânia: EdUFG/EdUCG, 2009. joseternes@hotmail.com

A História e o arquivo

José Ternes

SALOMON, Marlon. *Arquivologia das correspondências*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, 56 p.



Eis uma frase que impressiona logo no começo do livro: “Não há [na historiografia brasileira] uma arquivologia das correspondências” (p. 1). O que se pode constatar, em nossa historiografia, é uma profusão de estudos de epistolários. Estes, como é sabido, inscrevem-se entre os objetos de uma certa História que, de um lado, se volta para questões internas que “podem ser destacadas do fluxo de suas correspondências” e, de outro, para as “biografias dos missivistas” (p. 1). Em ambos os casos, trata-se de uma História feita de dados já sedimentados e, claro, disponíveis à memória. A História que Marlon Salomon se dispõe praticar é, evidentemente, outra.

A propósito, gostaria de citar as palavras dirigidas a Michel Foucault por Gilles Deleuze:

Um novo arquivista foi nomeado na cidade. Mas será que foi mesmo nomeado? Ou agiria ele por sua própria conta? As pessoas rancorosas dizem que ele é o novo representante de uma tecnologia, de uma tecnocracia estrutural. Outros, que tomam sua própria estupidez por inteligência, dizem que é um epígono de Hitler, ou, pelo menos, que ele agride os direitos do homem (não lhe perdoam o fato de ter anunciado a morte do homem). Outros dizem que é um farsante que não consegue apoiar-se em nenhum texto sagrado e que mal cita os grandes filósofos. Outros, ao contrário, dizem que algo de novo, de profundamente novo, nasceu na filosofia, e que esta obra tem a beleza daquilo que ela mesma recusa: uma manhã de festa.¹

É preciso, pois, perguntar-se sobre o que, ou, talvez, com Canguilhem, de que² se escreve a História. Ao se ocupar do arquivo, muda-se o objeto da História. Muda a noção mesma de História. “É uma certa idéia de história que se vê aqui” (p. 4) Daí frisar Deleuze:

O novo arquivista anuncia que só vai se ocupar com os enunciados. Ele não vai tratar daquilo que era, de mil maneiras, a preocupação dos arquivistas anteriores: as proposições e as frases. Ele vai negligenciar a hierarquia vertical das proposições, que se dispõem umas sobre as outras, e também a lateralidade das frases, onde cada uma parece responder a outra. Móvel, ele se instalará numa espécie de diagonal, que tornará legível o que não podia ser apreendido de nenhum outro lugar, precisamente os enunciados. Uma lógica atonal? É normal que sintamos uma certa inquietude. Pois o arquivista, de propósito, não dá exemplos.³

Essa mudança, bem observada por Deleuze, é também enunciada pelo próprio autor d’*Arquivologia das correspondências*:

Há um plano de análise que é exterior e independente do missivista. Um plano que

¹ DELEUZE, Gilles. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 1988, p. 13.

² CANGUILHEM, Georges. *L’objet de l’histoire des sciences*. In: *Études d’histoire de philosophie des sciences*. Paris: Vrin, 1975.

³ DELEUZE, Gilles, *op. cit.*, p. 13 e 14.

nunca é dado. Que precisa ser reconstituído em sua própria exterioridade. Analisar as correspondências desta ou daquela personagem é sempre dedicar-se a um nível constituído de análise; constituído e dado em toda sua interioridade. É o arquivo-reflexo de que fala Arlette Farge. O plano exterior, no entanto, não se confunde com o epistolário individual desse ou daquele autor de missivas. Esse plano é o arquivo. Sem dúvida, há certa dificuldade em tratá-las sem a referência segura do nome daquele que as escreveu (p. 2).

Ao contrário do que vemos, por exemplo, nos estudos que Marlon Salomon denomina de epistolologias, a partir das quais as cartas encontram sua importância alhures, na pena do missivista, ou no *status* gramatical, o arquivista (o novo, se Deleuze ainda é ouvido) livra-se dessas cauções cômodas. Autores e outras garantias lhe são tiradas, restando-lhe apenas o nu enunciado, “em sua materialidade própria” (p. 4), espaço “das condições históricas *a priori* que determinam em uma certa sociedade quem tem **tempo** para escrever e falar aos outros de si mesmo”, escreve Salomon (p. 5). Espaço também sempre mal compreendido por aqueles que não conseguem pensar (ou delirar) sem aquelas cauções: Deus, o homem, a gramática. Pensar, sem “exemplos”, vimos com Deleuze. Espaço da forma, antes que dos homens.

Esse espaço não guarda segredos, nem de Deus, nem do Príncipe. É suficiente percorrê-lo. Dá-se ao arquivista como superfície. Os seres, aí, não são naturalmente distintos. Uma das maneiras privilegiadas de sua apreensão é a seriação. Esta, mostra Deleuze em seu texto “Em que se pode reconhecer o estruturalismo?”, é um critério bastante comum da análise estrutural. O próprio Marlon Salomon confessa tê-lo adotado numa pesquisa de dez anos atrás. Tivera como objetivo, num estudo das correspondências de imigrantes alemães do Sul do país no século XIX, “estabelecer séries analíticas de correspondências” (p. 5). Agora, nessa nova pesquisa, diz nosso autor, percebe-se muito claramente o que o separa dos “historiadores tradicionais” (cf. p. 5 e 6).

Neste livro pode-se observar uma inflexão no tipo de análise levada adiante anteriormente em *As correspondências*.⁴ Já não seriam as seriações o objeto, mas “pensar a singularidade da própria existência desse arquivo” (p. 7), tomá-lo como “acontecimento”, no sentido, certamente, que Michel Foucault atribui a este termo. Convém insistir nessa inflexão, nessa forma de História que faz do acontecimento/arquivo objeto de investigação. Não é possível, nos estreitos limites de uma mera resenha, expor os detalhes da descrição empreendida da p. 8 em diante (melhor comprar e ler o livro). Gostaria de, no entanto, assinalar a singularidade da História aqui praticada.

Quem lê este estudo e é, também, leitor de Michel Foucault, de suas obras arqueológicas, principalmente, encontra, sem dúvida, uma impressionante proximidade. Os arquivos das correspondências, segundo Marlon Salomon, e os *a priori* históricos dos vivos, dos valores ou da linguagem, conforme Michel Foucault, compartilham uma mesma História. Assim como Foucault, Salomon, em sua *Arquivologia*, não vai, de imediato, às correspondências do século XIX, como fizera no livro anterior. Precisa recuar aos séculos XVII ou XVIII, não em busca das origens, das raízes, de um acontecimento por vir, e sim para mostrar que as correspondências trocadas entre os personagens dessa época da história do Brasil, Brasil das

⁴ SALOMON, Marlon. *As correspondências*. Florianópolis: EdUFSC, 2002.

⁵ FOUCAULT, Michel. Pierre Boulez, l'écran traverse. *Dits et Écrits*, IV. Paris: Gallimard, 1994, p. 220.

⁶ *Idem*, Structuralisme et post-structuralisme, *op. cit.*

⁷ *Idem*, *ibidem*, p. 446.

capitanias, pertencem a outro espaço que não o das correspondências dos imigrantes alemães dos séculos XIX e XX. Foucault procedeu desse modo em suas arqueologias. Os seres da *episteme* clássica não são os mesmos da modernidade. Muda, diz ele, a natureza do que há para conhecer. Muda, antes de tudo, o espaço onde os seres se alojam. Muda, nas palavras de Marlon Salomon, o arquivo e, nessa mudança, escrever cartas significa outra coisa, embora se usem o mesmo papel, a mesma pena, a mesma tinta e, muitas vezes, as mesmas palavras e frases. Se quisermos, com Foucault, os enunciados são outros. História das palavras, antes que das massas. História das superfícies, antes que das estruturas, ressalta Salomon (p. 41), lembrando, porém, que a palavra estrutura, aqui, tem um endereço preciso e, penso, insinuo o medo de Foucault de ser chamado estruturalista. Para o arqueólogo dos saberes modernos, atento às transformações profundas da cultura ocidental desde o final do século XVIII, a discussão acerca da forma deveria merecer maior atenção dos historiadores e dos filósofos. Constituir-se-ia, aliás, na primeira das questões:

O combate das formas no Ocidente foi tão encarniçado, senão mais que o das idéias ou dos valores. Mas as coisas, no século XX, adquiriram um aspecto singular: é o próprio formal, é o trabalho refletido sobre o sistema das formas que se tornou um risco. E um notável objeto de hostilidades morais, de debates estéticos e de afrontamentos políticos.

Na época em que nos ensinavam os privilégios do sentido, do vivido, do carnal, da experiência originária, dos conteúdos subjetivos ou das significações sociais, encontrar Boulez e a música era ver o século XX sob um ângulo que não era familiar: o de uma longa batalha em torno do formal; era reconhecer como na Rússia, na Alemanha, na Europa Central, através da música, da pintura, da arquitetura ou da filosofia, da lingüística e da mitologia, o trabalho do formal tinha desafiado os velhos problemas e subvertido as maneiras de pensar.⁵

No ano seguinte (1983), em entrevista a Gérard Raulet, “Structuralisme et poststructuralisme”⁶, a mesma insistência, ainda que para responder a uma outra questão: o que é o estruturalismo? Ironicamente, o filósofo diz que provavelmente aqueles que são chamados estruturalistas, e parece incluir-se nessa população, não sabem direito o que a palavra significa. Dever-se-ia, talvez, perguntar a um certo número de cientistas que desenvolveram um método estrutural em domínios muito precisos o que estaria em jogo. Da mesma forma, Foucault se recusa a discutir o pós-estruturalismo, e, também, a pós-modernidade. “Devo dizer que estou bastante embaraçado para responder.”⁷ Para ele, na verdade, essas palavras, assim como tantas outras, não passam de modismos. Haveria algo mais decisivo, mais profundo, nas águas do século XX. Trata-se do formalismo, severamente criticado, quer por marxistas, quer pela fenomenologia. Trata-se, de modo especial, do formalismo russo das primeiras décadas. O movimento formalista de Praga teria sido uma espécie de eco desse acontecimento. Seria preciso colocar igualmente o chamado estruturalismo francês dos anos 60 nessa mesma perspectiva. A importância residiria aí: a novidade consistiria no aparecimento de novas formas (de pensamento). Mudança na forma é mais raro do que se imagina. Demanda situar-se em outro espaço: o do arquivo.

O “novo arquivista”, expressão roubada de Deleuze, não descreve a

continuidade dos fatos, não está à caça de identidades, em meio à qual o presente já estaria previamente delineado; nas palavras do Marlon Salomon, “é preciso, pelo contrário, assinalar a novidade incontornável da aparição dessas palavras e do arquivo que as comporta” (p. 32). Arquivologia ou arqueologia, pouco importa a palavra. Importa uma nova atitude intelectual, estranha a uma longa tradição histórica. Importa, de alguma forma, “fazer filosofia”. Mas esta expressão talvez não seja bem-vinda, nem entre historiadores, nem entre a maioria dos filósofos. Pouco importa, história ou filosofia. Vale a pergunta decisiva que formula o autor de *Arquivologia das correspondências*: “como se relacionar com o rumor desse arquivo?” (p. 40). O que fazer com os traços que um arquivo comporta? A meu ver, encontra-se nisso, na escuta desse rumor, desse murmúrio arqueológico, a novidade específica desta obra.



Resenha recebida em setembro de 2010. Aprovada em dezembro de 2010.